

## O testamento do cardeal Martini

---

Como bispo, ele pediu com freqüência a Deus: “Por que não nos dás idéias melhores? Por que não nos tornas mais fortes no amor e mais corajosos em afrontar os problemas atuais? Por que temos tão poucos padres?” Hoje, tendo ingressado num estado de ânimo crepuscular, confia no sentido de pedir a Deus para não ser deixado só. Na última estação de sua vida, [Carlo Maria Martini](#) se confessa a um co-irmão austríaco e nascem os “**Colóquios noturnos em Jerusalém**”, recém editados pela **Herder** na Alemanha, que representam seu testamento espiritual. Confessa ter também estado em conflito com Deus, elogia [Martinho Lutero](#), exorta a Igreja à coragem de reformar-se, de não se afastar do **Concílio Vaticano II** e de não temer confrontar-se com os jovens. Um bispo, recorda, deve também saber ousar, como quando ele foi ao cárcere falar com militantes das **Brigadas Vermelhas** “e eu os escutei e orei por eles e batizei até um par de gêmeos de genitores terroristas, nascidos durante um processo”. A reportagem é de Marco Politi e publicada pelo jornal **La Repubblica**, 19-05-2008.

Com o padre **Georg Sporschill**, também ele jesuíta, o ex-arcebispo de Milão é de uma sinceridade total. Sim, admite, “tive dificuldades com Deus”. Não conseguia entender por que razão teria feito sofrer seu Filho na cruz. “Mesmo como bispo de vez em quando eu não conseguia olhar para um crucifixo, porque a interrogação me atormentava”. E nem mesmo a morte eu conseguia aceitar. Deus não teria podido poupá-la aos homens após a [morte de Cristo](#)?

Depois entendeu. “Sem a morte não poderemos dar-nos totalmente a Deus. Manteríamos abertas as saídas de segurança”. E, no entanto, não é assim.

É preciso confiar nossa própria esperança a Deus e nele crer. “Eu espero poder pronunciar na morte este sim a Deus”.

No entanto, se pudesse falar com Jesus, **Carlo Maria Martini** lhe perguntaria “se ele me ama não obstante as minhas fraquezas e os meus erros e se vier me buscar na morte, se me há de acolher”, **Os discursos de Jerusalém** são como um longo simpósio noturno, sem bebidas, alimentados somente pelo fluxo dos raciocínios, garantidos pelas quentes sombras de uma noite que se prolonga até o alvorecer. Houve um tempo – conta – no qual “sonhei com uma Igreja na pobreza e na humildade, que não dependesse das potências deste mundo. Uma Igreja que concede espaço às pessoas que pensam mais além. Uma Igreja que dá coragem, especialmente a quem se sente pequeno ou pecador. Uma Igreja jovem. Hoje já não tenho mais tais sonhos. Após os setenta e cinco anos decidi rezar pela Igreja”.

E, no entanto, aos oitenta e um anos, o cardeal, grande biblista, não deixa de sugerir à Igreja que tenha coragem e ouse reformas. É essencial ter a capacidade de andar ao encontro do futuro. O [celibato](#), explica, deve ser uma verdadeira vocação. Talvez nem todos tenham o carisma. Confiar a um pároco sempre mais paróquias ou importar padres do exterior não é uma solução. “A Igreja deverá fazer surgir alguma idéia. A possibilidade de ordenar homens provados (isto é, homens casados com fé provada, ndt) é discutida”. Até o sacerdócio feminino não o espanta.

Recorda que o Novo Testamento conhece as diaconisas. Admite que o mundo ortodoxo é contrário. Conta também de num encontro seu com o **primaz anglicano Carey**, na época em que a Igreja anglicana estava tensa pelas primeiras ordenações de mulheres – sacerdotes (combatidas pelo Vaticano). “Eu lhe disse, para dar-lhe coragem, que esta audácia podia ajudar também a nós a valorizar mais as mulheres e a entender como ir em frente”.

Sobre sexo, o Cardeal convida os jovens a não desperdiçarem relações e emoções, aprendendo a conservar o melhor para a união matrimonial, mas não tem dificuldade em romper tabus cristalizados com **Paulo VI, Wojtyla** e com **Ratzinger**. “Infelizmente a encíclica [Humanae Vitae](#) provocou alguns desenvolvimentos negativos. **Paulo VI** subtraiu conscientemente o tema aos padres conciliares” Quis assumir pessoalmente a responsabilidade de decidir sobre os anticoncepcionais. “Esta solidão decisional não foi, em longo prazo, uma premissa positiva para tratar os temas da sexualidade e da família”. A quarenta anos da encíclica, diz **Martini**, poder-se-ia lançar um “novo olhar” a esta matéria. Porque a Bíblia, recorda, é muito sóbria nas questões sexuais. Muito clara ela é somente em condenar quem irrompe, destruindo, num matrimônio alheio. Quem dirige a Igreja, sublinha, pode hoje “indicar um caminho melhor do que a **Humanae Vitae**”. O Papa poderia escrever uma nova encíclica.

E a [homossexualidade](#)? O purpurado recorda as duras palavras da Bíblia, mas recorda também as práticas sexuais degradantes da Antigüidade. Depois acrescenta delicadamente: “Entre os meus conhecidos há casais homossexuais, homens muito estimados e sociáveis. Jamais me foi perguntado e nem me teria vindo em mente condená-los”. Demasiadas vezes, acrescenta, a Igreja tem se mostrado insensível, principalmente com os jovens nesta condição.

Há um fio vermelho que conecta os seus raciocínios na quietude de Jerusalém. Os fiéis não têm necessidade de quem lhes instile uma consciência má, necessitam ser ajudados a ter uma “consciência sensível”. E sejam estimulados continuamente a pensar, a refletir.

“Deus não é católico”, costuma exclamar **Madre Teresa**. “Não podes tornar Deus católico”, acentua **Martini**. Certamente os homens necessitam de regras e limites, mas Deus está além das fronteiras que são erguidas. “Elas nos servem na vida, mas não devemos confundí-las com Deus, cujo coração é sempre mais amplo”

Deus não se deixa domesticar.

Se esta é a perspectiva, é possível dirigir-se a Ele com espírito mais aberto ao não crente ou ao seguidor de uma outra religião. Com quem não crê pode-se discutir sobre os fundamentos éticos que o animam. E é belo caminhar junto a quem tem uma fé diversa da nossa.

“Deixa-te convidar a uma prece com ele – sugere com mansidão **Martini** – conduze-o alguma vez a um rito teu. Isto não te afastará do cristianismo, ao contrário, aprofundará o teu ser cristão. Não queiras ter medo do estranho”.

Para o cardeal, o grande desafio geopolítico contemporâneo é o choque das civilizações. Os cristãos conhecem verdadeiramente o pensamento e os pensamentos dos muçulmanos – pergunta-se Martini – e como fazer para entendê-los? São três as indicações: desfazer os preconceitos e a imagem do inimigo, porque os terroristas não podem realmente fundar-se no Corão. Estudar as diferenças. Enfim, aproximar-se na prática da justiça, porque o Islã, em última instância, é uma religião filha do cristianismo, assim como o cristianismo descende do judaísmo.

A regra áurea do cristianismo – **Martini** o acentua neste seu escrito que tanto se assemelha a um testamento espiritual – é “Ama o teu próximo como a ti mesmo”. Além disso, explica com a precisão do estudioso da Bíblia, Jesus diz mais: “Ama o teu próximo porque é como tu”. Daí surge o imperativo de praticar justiça. É terrível, insiste **Martini**, invocar Deus até na constituição europeia, e depois não ser coerentes na justiça. E aqui o cardeal da Santa Igreja Romana toma em mãos o **Corão** e lê a esplêndida **Sura** segunda. Não se é justo, se a gente se inclina para orar ao Oriente ou ao Ocidente. Justo é aquele que crê em Alá e no Último Juízo. Justo é aquele que “cheio de amor doa os seus haveres aos parentes, aos órfãos, aos pobres e aos peregrinos”. Quem dá a esmola e resgata os encarcerados. “Este é justo e verdadeiramente temente a Deus”.

Depois torna a refletir sobre o Além. Existe o Inferno? Sim. “Contudo, tenho a esperança que Deus, no final, salve todos”. E, se existem pessoas como um **Hitler** ou um assassino que abusa de crianças, então talvez a imagem do Purgatório seja um sinal para dizer: “Mesmo que tu tenhas produzido tanto inferno (sobre a terra), talvez após a morte ainda exista um lugar onde possas ser curado”.

Jamais terminariam os discursos noturnos de Jerusalém. Entende-se isto do andamento tranqüilo das perguntas e das respostas. Como do lugar onde prosseguem. **Martini** retornou entrementes à Lombardia, enfraquecido pelo Parkinson. A quem o escuta, deixa este sinal: “Também podemos lutar com Deus como Jacó, duvidar e debater-nos como Jó, entristecer-nos como Jesus e suas amigas, Marta e Maria. Também estas são veredas que conduzem a Deus”.